



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano II – N. 7 – Julho de 2021

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

“REDUZIR TODOS OS DESEJOS A UM SÓ:
CUMPRIR EM CADA COISA A VONTADE DE DEUS.”

Ir. Jaqueline de Nossa Senhora das Dores, Cp - Província São Gabriel da Virgem das Dores

Ao Senhor Tommaso Fossi,

Caríssimo senhor, Tommaso e filho em Cristo diletíssimo: Foi-me transmitido uma carta desde o sagrado Retiro de Sant'Angelo, e como me encontro cheio de negócios e trabalhos, ainda somando os afazeres que só Deus sabe, respondo com grande pressa.

Mi enche de alegria, ouvir o excelente caminho dos seus filhos, (...) tudo isto é fruto da santa meditação da Santíssima Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se, em cada casa continuar, como espero, todos serão verdadeiros servidores do Senhor.

Os seus projetos e desejos, cultive, reduzindo-os a um só: fazer em cada coisa, à vontade de Deus. Os demais projetos e desejos queimem e deixem consumir no fogo do santo amor, e continue os seus exercícios de piedade, segundo o ofício que Deus te confiou, com verdadeira humildade de coração, permanecendo em sagrado recolhimento interno e externo, revestido dos sofrimentos do Salvador, sem negligenciar as obrigações do seu estado de vida, sendo esta a vontade de Deus, que o senhor seja perfeito no estado do santo matrimônio.

Quanto à minha presença na missão em Isola, será moralmente impossível. Estou com a saúde debilitada, cheio de negócios e depois da Páscoa, irei à missão em duas cidades e talvez em três, além das outras coisas. No último Domingo, foi fundado o sagrado retiro da SS.ma Addolorata, com a presença do senhor Bispo, do prefeito e do povo; tudo se realizou com solenidade para a glória do Senhor, eu, no entanto provo grande aridez. Os problemas desta fundação não foram pequenos e ainda não acabaram para mim. O retiro é belo, na solidão, mas se sente com todos os religiosos as inconveniências da santa pobreza.

Tenho pressa, por favor, recomende-me a Deus, e Jesus te abençoe e te santifique com os de sua casa.

Indigníssimo Servo Paulo da Cruz.

VONTADE, OFERENDA, SACRIFÍCIO

Muitas vezes quando pensamos na vontade de Deus, automaticamente ligamos ao sacrifício. Como se fazer a vontade de Deus fosse sempre um sacrifício, um mutilar-se espiritualmente, imolar-se, tirar a própria vida e queimar o que resta de nós como oferenda para Deus. Assim sendo, fazer a vontade de Deus, se torna muitas vezes um sofrimento, objeto de resistência e de negação. Cada projeto belo que Deus nos prepara, muitas vezes é construído com lágrimas, com sofrimento,

com resistência, por que atribuímos 'à vontade de Deus-imolação'.

A ideia de vontade de Deus ligada ao sacrifício/imolação, encontra-se em diversas passagens bíblicas, porque ao agradecer ou fazer um pedido tinha-se o costume de oferecer um sacrifício. Deus, porém, não quer que ofereçamos um sacrifício, mas que façamos à vontade dele.

O salmo 39,7-9 nos diz: “Não queres sacrifício, nem oferta, mas abriste os meus ouvidos”. Tu não pedes holocausto pelo pecado. Então eu disse: “Aqui

estou, para fazer a tua vontade". O salmo é claro em dizer: Deus 'não quer' um sacrifício, uma oferenda de súplica ou de agradecimento. A pergunta é: por que não? Porque o sacrifício neste caso representa um ato de superstição, irracional e ritual que já não diz nada a Deus. No Novo Testamento Deus, na segunda pessoa da Santíssima Trindade nos ensina pedir/ suplicar e agradecer de outro modo:

"Vocês devem rezar assim: PAI NOSSO, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal."

Resumindo: Jesus nos ensina: quer pedir, peça; quer agradecer, agradeça; quer pedir perdão, peça perdão. Não prometa, simplesmente faça.

O sacrifício redentor de Cristo pelo seu preciosíssimo sangue, num sacrifício/imolação transforma:

*"Vence em brilho os astros, As rosas em olor,
As pérolas em preço, O mel em seu sabor.¹"*

O mesmo Senhor que se oferece em sacrifício é:

*"O Senhor do perdão, Da esperança e da alegria,
Fonte de paz e de graça Para os nossos corações".*

O texto do salmo 39 continua com uma frase muito importante: "Meus Deus, eu quero ter a tua lei dentro de minhas entranhas." Enfim o salmo nos mostra que cumprir a vontade de Deus é cumprir os seus preceitos, as suas leis. Mas ele suplica a Deus que as leis Dele não sejam algo externo, mas

interno, ou seja, que as leis partam de dentro para fora; que a vontade de Deus seja a sua vontade. "Que esteja dentro das minhas entranhas". Que cumprir os preceitos de Deus seja algo automático em nós.

"Então eu disse: Eis que venho, com prazer faço a vossa vontade" e "é graças a essa vontade que somos santificados," completa São Paulo na carta aos Hebreus, capítulo 10.

Então, fazer a vontade de Deus, primeiro de tudo é ser uma pessoa reta e justa, é cumprir as leis de Deus, é proteger e respeitar os direitos dos pobres e fracos.

Fazer a caridade é fazer a vontade de Deus; cumprir com as tarefas cotidianas é fazer a vontade de Deus; respeitar os outros é fazer a vontade de Deus; realizar bem a própria profissão é fazer a vontade de Deus; cumprir os votos e promessas é fazer a vontade de Deus. Deste ponto de vista podemos entender que 'fazer a vontade de Deus' está mais ligado ao COMO fazemos ou somos. Muitas vezes nos deparamos em encruzilhadas que exigem de nós sabedoria e inteligência, mas que não estão necessariamente, ligadas ao fazer ou não a vontade de Deus. Nesses casos somos convidados a pedir a sabedoria, o dom da ciência, o dom da inteligência, o dom do conselho para bem discernir. O 'fazer vontade de Deus' se coloca na retidão e coerência do nosso agir. Colocar em prática o que acreditamos e rezamos é 'fazer a vontade de Deus'. Se eu rezo: 'O Senhor é o meu Pastor e nada me faltará', fazer a vontade de Deus é 'viver como quem tem tudo e nada falta'. Se eu rezo: 'Eu confio

¹ Hino de laudes do Preciosíssimo Sangue de N.S. Jesus Cristo, Ofício próprio da Congregação, Passionista, p. 152.

no Senhor e nada temo' eu tenho que viver confiante na sua graça e providência'.

Fazer a vontade de Deus é se sentir se amado (a), porque: 'Deus é bom, eterno é seu amor'; Fazer a vontade de Deus é estar tranquilo (a), porque: 'eu confio no Senhor e nada temo'. Assim por diante.

"(...) continue os seus exercícios de piedade, segundo o ofício que Deus te confiou, com verdadeira humildade de coração, permanecendo em sagrado recolhimento interno e externo, revestido dos sofrimentos do Salvador, sem negligenciar as obrigações do seu estado de vida, sendo esta a vontade de Deus, que o senhor seja perfeito no estado do santo matrimônio."

Paulo destaca a vontade de Deus, o 'ser perfeito' e o 'não negligenciar as obrigações do estado de vida que leva'. Não coloca acento no estado de vida em si, mas na realização deste estado de vida. Isso não exclui o fato que um determinado 'estado de vida' seja também à vontade Deus para cada um de nós.

"Os seus projetos e desejos, cultive, reduzindo-os a um só: fazer em cada coisa, a vontade de Deus." Ou seja, tudo o que nós fazemos, seja feito segundo a justiça, segundo o amor, segundo a caridade. Colocando em prática as suas leis.

MEDITAR COMO EXERCÍCIO DE ESPERANÇA

"Como me encontro cheio de negócios e trabalhos, ainda somando os afazeres que só Deus sabe, respondo com grande pressa" as expressões condensadas nesta frase, parecem ser as mais compreensíveis e próximas ao mundo moderno-contemporâneo e expressa claramente que também no tempo de São Paulo da Cruz, os

afazeres e compromissos diários eram tantos. Isso pode nos ajudar a refletir sobre o tempo. São Paulo da Cruz, apesar do tempo limitado, com pressa, não deixa de transbordar a sabedoria divina, porque está em sintonia constante com Deus.

A pressa, os afazeres e os problemas cotidianos não nos eximem da culpa do esvaziamento espiritual. A capacidade/ dom místico de contemplar nos insere num mundo metafísico (μεταφυσική) onde nós podemos tocar o espírito e a essência de cada coisa e de cada situação.

O primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração. Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar – Ele pode ajudar-me². Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só.³

O Papa Francisco em ocasião do ano da Vida Consagrada com o documento *Perscrutai* e na Exortação evangélica *Evangelii Gaudium*, nos chama a atenção para a alegria das pequenas coisas: a atual fraqueza da vida consagrada deriva também de ter perdido a alegria das "pequenas coisas da vida"⁴.

"Só por hoje serei feliz na certeza de que fui criado para a felicidade não apenas no outro mundo, mas também neste"⁵. "Ser feliz aqui e na outra vida" nos exorta também a marquesa Maria Madalena Frescobaldi Capponi, fundadora das Irmãs

² Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2657.

³ Spe Salvi, BENTO XVI, 32.

⁴ *Perscrutai*, Francisco, n16, p.70.

⁵ João XXIII, Decálogo dela serenità, *Il Giornale dell'anima*, LEV, Vaticano, 2014, p.17.

Passionistas de São Paulo da Cruz. A felicidade cristã só é possível através da memória, do não esquecimento do que Deus tem feito a nós e quantas maravilhas Ele realiza em nossa vida. É lembrar a cada dia o seu amor por nós, que se publica no jornal cotidiano do nosso entorno, mas que para ler, contemplar e gozar das suas boas novas (Evangelho) é preciso 'lentes especiais'.

Então, fazer a vontade de Deus está no exercício virtuoso do cotidiano que se dá através da contemplação da realidade e da capacidade (μεταφυσική) de colher de cada evento não só a realidade física/racional, mas aquilo que transcende cada evento; o significado mais profundo, a mensagem do evento, a essência de cada evento à luz da Paixão, Morte e Ressureição de Cristo.

O título Mãe da Esperança, que celebramos no mês de julho, nos ensina a ESPERAR, e quem espera é aquele que acredita que pode sentir um advento no

seu coração, quem é certo da 'boa notícia' e por isso anseia algo novo, é feliz. Quem consegue 'ler a boa notícia' escrita com imagens e letras transcendentais que giram ao nosso entorno, pode gozar a alegria real e escatológica de Cristo na própria vida.

OS PROBLEMAS

Também a última parte da carta de Paulo, pode nos ajudar a refletir: "Os problemas desta fundação não foram pequenos e ainda não acabaram para mim. O retiro é belo, na solidão, mas se sente com todos os religiosos as inconveniências da santa pobreza." Parece que os problemas até hoje não acabaram. A realidade 'problema' nos acompanha desde sempre. Peçamos ao Espírito Santo o dom da sabedoria e da inteligência para lidar com os problemas que se apresentam constantemente na nossa vida. Para que os problemas não nos afastem do comprimento da vontade de Deus.

PARA NOSSA REFLEXÃO

- Como ser feliz/alegre em tempos difíceis?
- Você consegue ler o 'jornal cotidiano', publicado por Deus?
- A vontade de Deus na sua vida é sacrifício/imolação? É parte da sua alegria? Converge no seu caminho alegre e virtuoso?
- Quais são os problemas atuais na minha vida? Como rezo os meus problemas?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – JULHO DE 2021

01 Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

04 Bem-Aventurada Maria, Virgem Dolorosa.

06 Santa Maria Goretti (1890-1902), virgem e mártir.

07 Recordação do Servo de Deus Pe. Bernard Kryszkiewicz CP (1915-1945), presbítero passionista.

09 Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe da Santa Esperança.

22 Santa Maria Madalena.

23 Recordação da Venerável Ir. Addolorata Luciani CP (1920-1954), monja passionista.

24 Beatos Nicéforo Diez Tejerina CP (1893-1936), Juan Pedro Bengoa Aranguren CP (1890-1936) e 24 companheiros, mártires passionistas de Daimiel (Espanha). *Memória*.

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Gilberto de S.M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando da Silva Oliveira, CP (Província Getsêmani).



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano II – N. 08 – Agosto de 2021

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

“NA VIDA COMUM É ESCONDIDO UM GRANDE TESOURO”

Ir. Marta de Jesus Crucificado, CP - Monja do Mosteiro Passionista São Paulo da Cruz

Carta circular de São Paulo da Cruz aos seus Religiosos, 02/05/1750.

“Vamos, caríssimos filhos, competi-vos em serdes mais humildes, mais exatos e mais observantes. ‘Aspirai os dons melhores’ (I Cor 12,31). Aprendei a serdes simples, humildes como crianças; não percais de vista o horrível nada que sois; não percais de vista o vosso nada ter, nada saber, nada poder. Também cavai, aprofundai, que não encontrareis outra coisa em vós que o puro e horrível nada. Oh, quanto vos recomendo esta humildade de coração e simplicidade pueril, a qual vos fará ser respeitosos e simples com todos, sujeitos a todos, como diz o Apóstolo Pedro: ‘Sejam submissos a todas as criaturas por amor ao Senhor’ (I Pe 2,13). E sobretudo, tenham uma suprema reverência ao vosso superior que Deus vos deu por pai e guia da vossa alma... Oh que grandes vós fareis na santa perfeição assim fazendo! Oh, que paz experimentareis”. E esta paz que é fruto do Espírito Santo vos fará crescer na caridade uns para com os outros, sendo um só coração em Jesus Cristo. E a tal efeito, ninguém jamais julgará as ações do seu irmão, porque nele verá santidade e, só em si mesmo, não verá mais que vício e defeitos, sempre, porém com pacífico sofrimento e esperança de mudança. Creiam-me que a peste da comunidade Religiosa é julgar as ações dos outros, perdendo de vista as próprias. O interpretar como mal os atos, o sussurrar juntamente dos defeitos dos outros, o murmurar, o delatar aquilo que se sente a outro: oh, que peste! Oh, que ruína causam na pobre comunidade! A verdadeira humildade, que descobre em nós sempre mais o vício, não dá espaço para olhar as ações dos outros, mas faz ser solícitos em extirpar toda coisa viciosa que desagrada aos olhos de Deus. De outra forma, como a verdadeira humildade do coração faz conhecer e crer que não existe pessoa no mundo pior que a si mesmo, como pode dar lugar aos julgamentos alheios, se tem todos como melhores e santos?”

O ser humano já foi definido de vários modos ao longo da história conforme os conhecimentos e as circunstâncias. Alguns, como um ser composto: corpo, alma, espírito; outros como ser pensante, outros um animal racional; outros: evolução dos macacos, etc. O salmista na contemplação das coisas criadas, estupefato dizia: “Que é o homem, Senhor, para

vós? Por que dele cuidais tanto assim?” (Sl 143,3). Mas outros revelando a doutrina do existencialismo diz: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre), por isso, não é inteiramente definido, explicado ou determinado pois o homem é liberdade. Ele é uma “náusea”.

De tudo, um pouco, diante do próprio mistério, com o salmista admiramos: *“Que maravilha, meu, Senhor, sou eu!”*

Mas como todas as criaturas, o ser humano se faz e se refaz através das gerações; como na natureza - nada se cria nada se perde, mas tudo se transforma - o ser humano vai sendo o que é à medida das suas experiências, dos seus conhecimentos, o que também significa relacionamentos. Por isso, o ser humano é o que é e o que os seus relacionamentos o permitem ser. É um ser que se constrói e é construído pelos outros. Com muita sabedoria nos dizia o nosso irmão Passionista, Pe. Fulgêncio Piacentini: *“Uma pessoa só será alguém, se alguém acreditar nela. Um pai, uma mãe, acreditam que um ser tão frágil e tão inerte, como são os bebês, é em potencial um grande homem, uma grande mulher. Eles conseguem ver além do que os olhos enxergam, pois, o amor não é cego, é esperança, é criativo, vê para além do possível”*.

Desta forma, ser ou não ser, depende de onde estamos, com quem estamos: para uma verdadeira mãe o pequeno embrião que traz no ventre é um filho amado e desejado, enquanto para alguns, é apenas um descartável feto, ainda mais se chegar em um momento impróprio.

Assim, somos gerados não só no ventre materno, mas nos relacionamentos que temos. Podemos ser “gerados” pessoas felizes, realizadas, equilibradas, férteis, honestas, coerentes e santas.... Como também podemos ser gerados loucos, insanos, desequilibrados, carentes, dependentes, um não ser, ou um ser doentio.

Tomamos consciência que para além do gestar natural, que passa pelas realidades orgânicas, há um gestar de personalidades que dependem de cada

um de nós. Somos responsáveis pela vida, somos, de certo modo, geradores de vida.

Assim, uma comunidade religiosa, com a graça do Espírito Santo possui o poder de gerar e regenerar seus membros. Como o gerar depende da concepção, do mesmo modo, aqui tudo depende da concepção que se tem do outro. Posso, confirmado por Sartre afirmar que *“O inferno são os outros”* e criar relacionamentos doentios que geram pessoas infelizes, amarguradas, cínicas. É bom lembrar a insistência com que o Papa Francisco considera a fofoca tão nociva como um ato terrorista que destrói comunidades e pessoas. Ou posso, por outro lado, contribuir para que minha comunidade religiosa seja um útero fértil de pessoas felizes, maduras e equilibradas, deixando vir à tona o tesouro que se encerra no viver em comum.

Nosso Santo Pai, Mestre e inspirador, São Paulo da Cruz acentuava que o crescimento no amor e na harmonia dependia do conceito que tenho de mim mesmo e do outro. Convidando seus filhos a se prepararem para festa de Pentecostes aponta o ideal de uma comunidade Passionista geradora de personalidades santas como foram os primeiros Passionistas.

Bem a propósito, como que atualizando esta mensagem para os nossos dias o Papa Francisco tem reiterado que *“a acusação dos outros ignora Deus; a acusação própria nos abre a Ele. Diante de Deus, nenhum de nós é inocente, mas todos somos perdoados quando reconhecemos e nos arrependemos do nosso pecado e sentimos vergonha dos nossos erros. Desse modo, deixamos de ver nossos opositores como inimigos. A acusação de si mesmo é o anticorpo para o vírus da consciência isolada, e a humildade diante de Deus é a chave para a fraternidade e a paz social”*.

Trata-se de um novo projeto de humanidade, tão novo como novo é sempre o Evangelho.

PERSCRUTAI¹

O Papa Francisco nos convoca a viver, no cotidiano a “mística do encontro”. A mística do encontro, segundo o Papa Francisco, é a nossa capacidade de buscar, escutar, acolher e assumir caminhos novos para uma sociedade mais humana e fraterna. Segue um trecho do documento Perscrutai referente a mística do encontro para complemento da nossa reflexão.

“A Igreja, na fraqueza e na solidão alienante e auto referencial do humano, conta com fraternidades ricas “de alegria e de Espírito Santo (At13, 52). Specialis caritatis schola, a vida consagrada, nas suas múltiplas formas de fraternidade, é plasmada pelo Espírito Santo, porque “onde está a comunidade, aí está o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus aí está a Comunidade e toda graça.”

Consideramos a fraternidade como lugar rico de mistério e “espaço teologal, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”. Percebe-se uma defasagem entre este mistério e a vida cotidiana: somos convidados a passar da forma de vida em comum para a graça da fraternidade. Da forma communis para a relacionalidade humana na forma evangélica na força da caridade de Deus derramada nos corações por meio do Espírito Santo. (Cf. Rm 5,5) (...)

Somos chamados então a reconhecer-nos como fraternidade aberta para a complementariedade do encontro na convivência das diferenças, para

prosseguir unidos: “Uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade _ exorta Papa Francisco_, quando se integra cordialmente numa comunidade não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento”. O estilo do “diálogo” que é “muito mais do que a comunicação de uma verdade. Realiza-se pelo gosto de falar e pelo bem concreto que se comunica através das palavras entre aqueles que se amam. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que mutuamente se dão no diálogo”. Recordando que “o clima do diálogo é a amizade. Ou melhor, o serviço.”

As nossas fraternidades são lugares nos quais o mistério do humano toca o mistério divino na experiência do Evangelho. São dois os lugares em que, de maneira privilegiada, o Evangelho se manifesta, toma corpo, dá-se: a família e a vida consagrada. No primeiro lugar o Evangelho entra na cotidianidade e mostra a sua capacidade de transfigurar a sua vivência no horizonte do amor. O segundo sinal, ícone de um mundo futuro que relativiza todo bem deste mundo, faz-se lugar complementar e especular ao primeiro, enquanto se mostra a sua capacidade de transfigurar a sua vivência no horizonte do amor. O segundo sinal, ícone de um mundo futuro que relativiza todo bem deste mundo, faz-se lugar complementar e especular ao primeiro, enquanto se mostra antecipadamente o cumprimento da caminhada da vida e tornam-se relativas à comunhão final com Deus todas as experiências humanas, também aquelas mais bem-sucedidas. (...)

¹ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICAS, Perscrutai – Aos Consagrados e às Consagradas a caminho nos sinais de Deus (8 de fevereiro de 2014), n 35.

“ A comunidade sustém todo o apostolado. Às vezes as comunidades religiosas são imbuídas por tensões, com o risco do individualismo e da dispersão, mas são necessárias comunicação profunda e relações autênticas. A força humanizadora do Evangelho é testemunhada pela fraternidade vivida em comunidade, feita de acolhimento, respeito, ajuda recíproca, compreensão, amabilidade, perdão e alegria.” Deste modo a comunidade se torna casa na qual se vive a diferença evangélica. O estilo do Evangelho, humano e sóbrio, se manifesta na busca que aspira à transfiguração; no celibato pelo Reino; na procura e na escuta de Deus e da sua Palavra: obediência que

mostra a diferença cristã. Sinais eloquentes num mundo que torna a buscar o essencial.

A comunidade que se senta à mesa e reconhece o Cristo no partir do pão (cf. Lc 24, 13-35) é também lugar no qual cada um reconhece as fragilidades. A fraternidade não produz a perfeição das relações, mas acolhe o limite de todos e o leva no coração e na oração como ferida infligida ao mandamento do amor (cf. Jo 13, 31-35): lugar onde o mistério paschal realiza a cura e fermenta a unidade. Acontecimento de graça invocado e recebido por irmãs e irmãos que estão juntos não por escolha, mas por chamado, experiência da presença do Ressuscitado.

Para nossa reflexão:

- 1- “O ser humano é um ser que se constrói e é construído pelos outros.” Como nossas relações fraternas contribuem para a formação de um mundo mais justo e humano?
- 2- “Somos geradores de vida.” Que tipo de vida estou gerando?
- 3- “As nossas fraternidades são lugares nos quais o mistério do humano toca o mistério divino na experiência do Evangelho.” Como nossas comunidades e famílias se transformam em evangelho vivo?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – AGOSTO DE 2021

06 - Recordação do Venerável Pe. Francisco da Paixão (Aita Paxti) Gondra Muruaga CP (1910-1974).

14 - Recordação do Venerável Ir. Giacomo de São Luiz Gianiel CP (1714-1750).

15 - Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria. No Brasil, Dia da Vida Consagrada.

18 - Missa e ofício votivo a São Paulo da Cruz.

26 - Beato Domingos da Mãe de Deus Barberi CP (1792-1849).

Recordação da Serva de Deus Madre Gemma Giannini MSG (1884-1971), religiosa, fundadora da Congregação Missionária das Irmãs de Santa Gemma.

29 - Recordação do Servo de Deus Pe. Benito Arrieta CP (1907-1975).

30 - Recordação do Venerável Pe. Giovanni Battista de S. Miguel Arcanjo Danei CP (1695-1765), presbítero, co-fundador e irmão de S. Paulo da Cruz.

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Gilberto de S.M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando da Silva Oliveira, CP (Província Getsêmani).



ENCONTRAR-SE COM O “TUDO” NO VAZIO DO DESERTO INTERIOR

Carlos Renato Moiteiro¹

Carta de São Paulo da Cruz a uma filha espiritual, *s.d.*¹

“Minha irmã em Jesus Crucificado,

Sinto da parte de Nosso Pai que estais toda tornada em chagas e eu o regozijo em Deus, assim tereis mais ocasião de fazer companhia ao Esposo Divino; mas este Esposo celeste não se abraça senão no sagrado deserto interior, do qual vos falei outras vezes: permaneci no vosso verdadeiro nada [*nulla*] e deixai então desaparecer o vosso nada [*niente*] no templo interno de vossa alma, nele tereis tempo de medicar vossas chagas com o bálsamo preciosíssimo do Sangue do Cordeiro Imaculado que jorra de suas Divinas Chagas. Desta forma encontrareis repouso, porque Jesus vos conduzirá ao seu aprisco, onde está ele mesmo, que é o seio do Divino Pai; nele tornar-vos-ei por amor toda divinizada e sereis um só espírito com Cristo, como disse o Apóstolo: *Qui adhaeret Deo, unus spiritus est cum illo*¹.

Em vossa solidão, naquele deserto santo, se o Esposo vos ordena a adormecer de amor, durmais em paz e não vos acordeis sem sua licença: este é aquele doce sono que dá aos seus diletos. Ó, que sono de amor! Ó, quanto aprende a alma neste sono divino! Ó, como se faz rica! Recordai-vos do pobre Paulo que está em grandes necessidades, e rezai por toda a Congregação. Jesus vos bendiga e vos faça santa. Amém.”

Há um pequeno truque matemático com o qual eu sempre dou início às minhas aulas em cada novo semestre. Trata-se de uma brincadeira com os estudantes para fazê-los questionar se a matemática é uma ciência tão “exata” assim e, a partir desse questionamento, se existe de fato alguma ciência exata, no rigor do termo. O exercício é simples: a partir de um conjunto de derivações em torno da expressão algébrica $0 = 0$, eu demonstro-lhes que $1+1 = 3$.

Não acredita que isto é possível? Bom, você pode acompanhar o raciocínio abaixo (ou, se não gosta de matemática, pode pular esta parte e seguir a partir do outro parágrafo):

- Se $0 = 0$, então $2-2 = 3-3$
- Mas se $2-2 = 3-3$, então $2 \cdot (1-1) = 3 \cdot (1-1)$
- Dividindo os dois lados pelo termo comum da equação $(1-1)$, chegamos à demonstração:
- Se $2 = 3$, então $1+1=3$.

Não se preocupe! Você não precisa jogar agora tudo o que aprendeu na escola na lata do lixo. É apenas um truque, como disse no início, e relativamente simples,

aliás: a divisão proposta na demonstração *não é possível*, já que $1-1 = 0$ e, como aprendemos (e ensinamos) lá nas primeiras séries escolares, há uma regrinha básica na matemática que determina *nunca dividir por zero*.

Ou melhor, *não deveria* ser possível. O fato é que a gente nunca se questiona por que essa regra, em específico, existe. A explicação de sua razão, no entanto, não é tão simples como a do truque anterior, mas é fundamental para entender aonde quero chegar com isso (afinal, não é um texto de matemática, mas sim de espiritualidade, e de espiritualidade passionista): é que a divisão por zero de qualquer número resulta num *valor infinito*. Não apenas um algarismo formado por alguns milhões, bilhões ou trilhões de números, mas de um *número infinito* de fato. Ou, usando uma expressão que para o nosso senso comum é um pouco difícil de digerir: **o zero é o inverso do infinito**.

Olhando a carta de São Paulo da Cruz e o título desse texto, você deve ter entendido melhor o porquê dessa breve incursão pelos números e suas

¹ Doutor em Filosofia pela PUCPR e aperfeiçoamento em Bioética pela Red Bioética UNESCO. Leigo Passionista.

excentricidades. Vamos refletir sobre um tema caro na mística paulocruciana, e ao mesmo tempo tão controverso para nós e nossa forma “ocidental” de ver o mundo: o **Tudo** e o **nada** (*Tutto* e *nulla*), ou a **nadificação de si na experiência interior em São Paulo da Cruz**.

A carta em questão constitui um enigma para os estudiosos do santo fundador. Ninguém sabe ao certo quem era sua destinatária; tampouco se sabe quando e onde foi escrita. A única informação que se pode inferir com certeza é que foi escrita para uma mulher, decerto uma de suas muitas dirigidas espirituais e alguém muito próxima a ele, já que este a chama de “*mia sorella in Gesù Crocifisso*”, “minha irmã em Jesus Crucificado”. Talvez, como nota Pe. Amedeo em seu comentário à carta, a destinatária fosse **Lucia Burlini**², dileta filha espiritual de Paulo e hoje proclamada venerável: corpo coberto de chagas; sofrimentos interiores e exteriores; altíssima vida espiritual... características todas que correspondem *ipsis litteris* ao perfil de Lucia. Trata-se, no entanto, apenas de uma ilação; a destinatária da carta ainda permanece incerta.

Mais incerto além é o período na qual se insere tal carta na cronologia do fundador. Pelo estilo da escrita, supõe-se que esta tenha sido escrita na última fase de sua vida, na qual a dimensão mística da relação entre o **Tudo** e o **Nada** se tornam fulcrais na contemplação do mistério da Paixão. Aqui, já não vemos mais o jovem eremita enamorado pela ideia da fundação dos “Pobres de Jesus”³, nem tampouco o pregador itinerante da “devoção ao Crucificado”... Trata-se de um homem espiritualmente amadurecido, quer pela sua própria experiência mística, acrisolada pelos anos de aridez espiritual vividos desde os tempos de fundação até o final de sua vida, quer pelos anos de leitura assídua e fiel da Palavra (testemunhada pelas inúmeras citações às Sagradas Escrituras em suas cartas) e do Crucificado, bem como dos mestres espirituais do Ocidente – em particular os reformadores do Carmelo,

Teresa de Ávila e João da Cruz, e os místicos da escola alemã, Johannes Tauler e Nicolau de Cusa (cujas obras eram os únicos objetos que permitia trazer consigo à cela, além do crucifixo). É o Paulo da **morte mística**, do **aniquilamento de si**, do **esvaziamento** total e incondicional da vontade e, por fim, da identificação máxima com o Cristo do Calvário, na transformação da própria vida numa **memória perpétua da Paixão**.

Para nós, sujeitos de uma outra época, é uma **paulocrucianidade** muitas vezes difícil de compreender ou mesmo de assimilar. A modernidade, esvaída de transcendência, procurou fundar suas bases morais na **reafirmação do sujeito** e **autoafirmação do eu**, lançando um olhar desconfiado a tudo aquilo que limita o indivíduo em sua busca por satisfação e sucesso. Este modo de olhar – secularizante, posto que secularizado – procura valorizar o sujeito de ação, o sujeito da práxis transformadora, mas à custa da depreciação de toda forma de cultivo do espírito, menosprezando assim o questionamento das razões o levam à ação, quando não no completo desinteresse por aquilo que o move. Dessa forma, torna-se mais fácil acostumar-nos com a figura do santo missionário – o grande pregador, percorrendo lonjuras para abrir seus retiros e propagar suas missões populares; o peregrino, que caminha do norte ao centro da Itália, geralmente a pé e em grande pobreza, para atender aos pobres camponeses e anunciar o Crucificado aos trabalhadores das vilas, lenhadores, pescadores, soldados e enfermos; o pastor, que dialoga com pequenos e com grandes, desde a humilde tecelã ao grão-duque da Toscana, de aristocratas a revolucionários... enfim, o homem da ação. *Embora* místico. Não importa se individual ou institucionalmente: para muitos de nós, este é o santo fundador que idealizamos.

O Paulo da Cruz real, no entanto – aquele que outrora fora designado como “o maior místico e maior

² Lucia Burlini (1710-1789) nasceu e viveu na comuna de Piansano, província de Viterbo. Conhece Paulo da Cruz em uma de suas muitas pregações na região, e logo passam a travar um profundo diálogo espiritual, mantido ao longo dos anos passados pelo fundador no retiro da Madonna do Cerro, na vizinha Tuscania, comunidade à qual se sentiu vinculada e a cujos religiosos procurou atender em suas necessidades materiais e espirituais. Desejosa de consagrar sua vida a Deus, teve várias visões e sonhos proféticos relacionados à fundação do primeiro grupo de Monjas Passionistas, às quais Paulo esperava associá-la. A Providência, no entanto, quis dispor para ela de modo diverso: atingida por chagas que lhe cobriram o corpo devido às tinturas que utilizava em seu ofício de tecelã, à umidade e à insalubridade de seu local de trabalho, não pôde viver seu ideal de consagração a Deus, tendo permanecido leiga e falecendo em sua cidade natal em fama de santidade. Paulo da Cruz a considerava verdadeira “mãe espiritual da congregação”. Cf. EUGENIO CP, Pierluigi Di. **Sotto la Croce appassionatamente**: la santità nella famiglia passionista. Teramo (IT): Editoriale Eco S. Gabriele, 1997.

³ Primeiro nome que quis dar à sua fundação; cf. **Diário Espiritual**, 27 nov. 1720.

[mestre] espiritual do século XVIII⁴ –, escapa de nossa compreensão. Dele, esperamos apenas uma figura rústica, silenciosa; um homem devocional; quase um quietista. Ou então, corre-se o risco de incorrer no erro oposto (aliás, muito presente em alguns círculos eclesiais atuais, os “cristãos de relicário”): buscar nas experiências místicas de Paulo apenas aquilo que é excepcional – bilocações, êxtases, visões –, como se estes fossem testificadores de sua santidade ou necessários para afirmar que ali há, de fato, um místico, uma figura extraordinária; *algo que o próprio Paulo da Cruz rejeitava como sinal de autêntica relação com Deus*.

Entramos, portanto, no reino das polaridades. De um lado, a negação da metafísica; do outro, a objetificação do espiritual. De um lado, a imanentização do transcendente; e em seu oposto, a recusa à aridez do deserto. Sinal de que ainda não alcançamos aquela salutar experiência dos Padres e Madres do Deserto que, destacando o acontecimento da Transfiguração de Jesus na montanha sagrada (cf. Lc 9, 28-36), preconizavam o equilíbrio na vida espiritual da Igreja: uma Igreja que sobe e contempla, mas que é capaz de descer da montanha e reconhecer a sua humanidade; uma Igreja profética, mas atenta às necessidades do povo; uma Igreja do Espírito, mas encarnada no seio do mundo (cf. Jo 17, 15). A própria Lucia Burlini – leiga, tecelã, deficiente, enferma, que uniu de modo pleno uma altíssima contemplação à ação social junto às famílias mais pobres de Piansano e Tuscania, sendo ela mesma pobre – serve-nos de exemplo de como a necessária transformação do mundo e de suas estruturas injustas não nos sonega a possibilidade de uma vida espiritual profunda.

Eu o(a) convido então, caro(a) leitor(a) deste texto, a reler novamente a carta, aproveitando-se agora das lacunas deixadas por Paulo a fim de se colocar no papel de seu destinatário(a). De fato, todos(as) nós somos estes seus irmãos e irmãs na Paixão, seus filhos espirituais; também todos(as) nós carregamos em nossos corpos inúmeras chagas – marcas de nossas aflições. Dores e angústias, tristezas e desesperanças, feridas do passado, preocupações com o presente ou o futuro, doenças e enfermidades, violências, violações

de direitos... tudo aquilo que marca a nossa condição humana é, ao mesmo tempo, aquilo que nos aproxima da Humanidade de Cristo na Cruz. De fato, só pode seguir um Deus Crucificado aquele que carrega em si mesmo as marcas de sua crucificação, completando com sua própria existência “aquilo que faltou à Paixão” (cf. Cl 1, 24).

Mas ao longo do caminho, muitas vezes a bagagem pesa, às vezes excessiva demais... É uma ilusão pensar que o despojamento ao qual o Cristo se refere em Mt 16, 24s não contempla igualmente as próprias sobrecargas com as quais nos fatigamos neste mundo de ansiedade e cansaço. Imaginamos que, para fazer um verdadeiro encontro com o Mestre, é preciso de tanta coisa! Mas, na verdade, este não é um *jogo de soma não-zero*: é necessário perder tudo, desfazer-se de tudo, para encontrar-se com o Tudo que é Deus, ***pois o Infinito não pode habitar naquilo que não está vazio***. É neste sentido que Tauler, o grande mestre espiritual de Paulo da Cruz, escrevia já no século XIV:

Quando o homem quer amar Deus, ele vê, olhando dentro de si mesmo, que está vazio de amor e de graça. Ele deveria amar a Deus a fundo e buscá-lo, e não encontra esse sentimento em si mesmo, mas muitas vezes sente que se ergue em sua alma, a seu respeito, um julgamento temível e ele grita desesperado; precipita-se então, no inferno ou num purgatório terrível, e tudo o que já lhe aconteceu de lamentável acorda nele. [...] Sob essa impressão, diremos: ‘Ó Deus de misericórdia, tende piedade de mim, livrai-me, socorrei-me, tratai-me dessa ou daquela maneira, ajudai-me a fim de que eu possa chegar ao céu, sem passar pelo purgatório’, como aconteceu a poucos santos. Sem dúvida, eis uma ótima prece, não a contradigo; mas quem tivesse a verdadeira caridade precipitar-se-ia em Deus com seu julgamento e com todas as suas faltas, mergulhando amorosamente na complacência e boa vontade de Deus, *despojando-se verdadeiramente de toda vontade pessoal*; pois o verdadeiro amor de Deus leva sempre o homem a *renunciar a si mesmo e a toda vontade própria*. [...]⁵.

O sermão de Tauler e a carta de Paulo da Cruz fazem eco à mesma realidade: é preciso esvaziar-se não apenas dos próprios desejos e fantasias, mas de tudo

⁴ VILLER sj, Marcel. **La volontà di Dio nella dottrina spirituale di S. Paolo della Croce**. Trad. Monache Passioniste di Loreto. Roma: Curia Generale Passionisti, 1983. p. 8.

⁵ TAULER, Johannes. **Sermões**. Trad. de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Paulus, 1998. p. 226-227.

aquilo que escraviza a pessoa e a impede e alcançar um encontro livre e sincero com o Deus Uno-Trino. Tudo o que acorrenta, subjuga, oprime, inclusive o peso e a recordação da culpa (aquilo que os mestres e diretores espirituais chamam de “escrúpulos”), pois tudo isso é *vontade*... e o espaço que a vontade própria ocupa, não pode ser ocupado pela Vontade Divina. Ou zero, ou infinito.

Em São Paulo da Cruz, assim, a *nadificação do eu* é decorrência não apenas da contemplação da *kênosis* de Cristo que se completa na Cruz, mas da própria consciência da Infinitude do Pai e que, diante d’Aquele que é Infinito, não há outra forma de apresentar-se a não ser na descalcez (cf. Ex 3, 5). A *aniquilação da alma* (do latim, *annihilare*, reduzir ao nada) em Deus não tem, portanto, relação alguma com a ideia de negação do indivíduo ou da subjetividade; ao contrário, trata-se justamente da *plenificação do sujeito*, que só é possível no encontro com o Amor Infinito – mas que requer de nossa parte, no entanto, o *esvaziamento livre e consciente de si mesmo*, como **abertura total** à ação do Espírito de Deus em nossas vidas.

É por isto que o *deserto interior* figura como espaço privilegiado do encontro entre a alma e o Ser. Enquanto lugar do *vazio* e do *nada*, o deserto interior é, ambígua e paradoxalmente, o último refúgio de interioridade no qual Deus pode se manifestar em sua Totalidade. **O deserto interior é o lugar de encontro com Deus.**

Mais do que isto, ele é a própria *morada de Deus*. A inabitação divina só é possível quando, encontrando refúgio no deserto interno de nosso ser, unimos nossas próprias chagas às chagas do Cristo e as nossas próprias dores às dores de sua Paixão. Na contemplação *solitária* e *solidária* do Crucificado, o deserto interior une nosso coração ao Coração de Cristo, onde Ele nos espera para repousar.

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mt 11, 28-30).

Para nossa reflexão:

O caminho de espiritualidade passionista é um processo de continua (re) descoberta de nossa própria identidade enquanto filhos e filhas espirituais de São Paulo da Cruz. A dinâmica paulocruciana do **Tudo** e do **Nada**, dessa forma recolocada, permite-nos compreender a nossa própria relação com Deus no tempo concreto e na realidade histórica em que vivemos.

1. Na sociedade globalizada e da informação, dou primazia ao Reino de Deus e a seu projeto concreto em minha vida e vivência comunitária?
2. Na sociedade do cansaço, marcada pelo excesso de exigências e pela demanda contínua por sucesso e realização, encontro tempo para Deus? Permito que Deus se manifeste no *Kayrós*, ou espero que as coisas aconteçam no meu próprio tempo?
3. Na sociedade do consumo e do conforto material, sou capaz de esvaziar-me do que me impede de encontrar o Tudo que é Deus?

CALENÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – SETEMBRO DE 2021

14 - Exaltação da Santa Cruz e Recordação do Venerável Irmão Lorenzo Marcelli, CP

15 - Nossa Senhora das Dores

17 - Serva de Deus Madre Marthe Vanderputte (Fundadora das Missionárias da Santa Cruz, unidas às Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz em 1968.

24 - S. Vicente Maria Strambi.

29 - São Miguel Arcanjo patrono da Congregação

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Gilberto de S.M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando da Silva Oliveira, CP (Província Getsêmani).